

A VERDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Carlos Frederico Gurgel Calvet da Silveira
Metafísico

A verdade é um aspecto do ser que tem relação com a inteligência. Nesse sentido, deve-se reconhecer que a verdade é conformidade entre o intelecto e a realidade. Essa asserção desdobra-se em dois planos distintos, embora convergentes e complementares. A conformidade do intelecto com a realidade constitui o que normalmente se chama verdade lógica; e, no plano inverso, a conformidade da realidade com o intelecto é conhecida como verdade ontológica.

A verdade das coisas, a verdade ontológica, é fundamento e medida do conhecimento humano. Como afirma Santo Tomás, “qualquer ente se conhece na medida em que está em ato; e por isso a atualidade de cada coisa é como certa luz interior a ela”¹. É a luz interior – o ser, em última análise, o que a faz verdadeira e inteligível. É a nossa inteligência que depende da verdade ontológica, com uma dependência real:

“A verdade que se diz das coisas com relação ao intelecto humano; o que, para as coisas, é algo em certo modo accidental, porque suposto que não existisse nem pudesse existir o intelecto do homem, as coisas continuariam permanecendo em sua essência. Porém a verdade que se diz delas em relação ao intelecto divino lhes está inseparavelmente unida, pois estas não podem subsistir senão pelo intelecto de Deus, que as produz no ser.”²

Em outras palavras, a verdade ontológica é a verdade de uma coisa que é fruto de uma inteligência que a pensou. É por isso que a inteligência se deve submeter à realidade como medida do seu pensamento. Entretanto a aproximação da inteligência humana ao real dá-se de modo gradual e parcial, nem tanto em função da captação da coisa, mas em razão do juízo ou do julgamento que se pode fazer sobre a realidade.

A sede da verdade lógica é, por conseguinte, o juízo, o ato pelo qual o intelecto une conceitos quando afirma, e separa conceitos, quando nega. Mas o ato de julgar é, na verdade, um processo que consta de várias fases, e realizado como se essas fases não existissem. Quando julgo, estou unindo ou separando conceitos que apreendi anteriormente, mas já os comparei, vi sua conveniência ou não etc.

O juízo, como sede da verdade, está sujeito à fidelidade ao real. E a partir dessa consideração podemos dizer que há vários estados da mente em relação à verdade:

- nesciência: o sujeito não possui nem poderia possuir a verdade;
- ignorância: o sujeito não possui a verdade, mas poderia possuí-la;
- erro: aprovação do falso em lugar do verdadeiro;
- opinião: assentimento sem medo da contraditória;
- dúvida: oscilação entre duas contraditórias, suspensão de juízo;
- fé: assentimento firme baseado no testemunho de outrem;
- certeza: assentimento firme baseado na evidência objetiva.

A realidade é, pois, a referência última para a situação do sujeito pensante, e é em relação a ela que ele pode ter certeza, fé, dúvida, dizer-se ignorante etc.

Dentro desse realismo tomista, de inspiração aristotélica, podemos concluir com uma sentença do nosso filósofo medieval, que ilustra com perfeição sua tendência filosófica, que é ao mesmo tempo teórica e prática: “Assim como é melhor iluminar do que só brilhar, é mais perfeito a verdade aos outros levar do que só contemplá-la”.³

(Footnotes)

¹ TOMÁS DE AQUINO. In DeCausis, lect.6.

² TOMÁS DE AQUINO. De Veritate, q.1, a.5, c.

³ TOMÁS DE AQUINO. Summa Theologiae, II-II, q. 188, a. 6, c.